

O Peso do Ar

Os Espacialistas na Fundação de Oeiras (K7), Oeiras Imaginária, Oeiras em Revista, Abril de 2008.

[Os Espacialistas na Fundação de Oeiras.(K7)]^(ao ar)

Os espacialistas Filipe, João, Luis e Sérgio são um grupo de activistas exercitadores de espaço (arquitectónico e urbanístico) cuja principal função é a criação artística de processos de forma a partir de situações espaciais preexistentes.

Partem para os espaços com o intuito de aí usufruírem, comprovarem e fazerem (re)aparecer a sua real vocação programática, muitas vezes extinta, desactivada ou na iminência de (des)aparecer.

Foi o que aconteceu num destes sábados de manhã, quando se dirigiram ao edifício da Fábrica de Metalurgia e Construção Metalomecânica de Oeiras, conhecida vulgarmente por Fundação de Oeiras, mais concretamente ao espaço onde se situa o Hangar K7: abrigo nacional e internacional na última década de eventos culturais da máxima importância para o desenvolvimento da cultura do nosso concelho, como as exposições: “Anatomias Contemporâneas”, “More works about buildings and food”, Linha de Água” ou o “Projecto Terminal”. Aí se (re)produziram e realizaram projectos artísticos de arte contemporânea, de reflexão das tendências actuais, nas áreas das artes plásticas, da música, da performance da multimédia e dos audiovisuais. Aí foram criados espaços de educação e de debate dos estados da arte em Portugal.

Exposições, concertos, actividades performativas, conferências e colóquios, povoam o ar de quem se atreve a percorrer a imensidão e a memória destes espaços.

A Fundação de Oeiras é ainda abrigo inspirador / atelier de artistas plásticos contemporâneos, tão importantes como Miguel Palma ou Joana Vasconcelos. Aí nasceram algumas das suas melhores criações artísticas, que integram actualmente o espólio de importantes colecções de arte contemporânea.

No ar ainda se sente todas estas passagens humanas e artísticas.

No espaço podemos ainda encontrar vestígios destas obras, restos de obras, objectos que as integraram, paredes pintadas, cartografias e fichas técnicas de quem participou e as organizou.

Por todo o lado depois dos fogões, das máquinas de lavar, das banheiras esmaltadas, das granadas de morteiro e do todo o burburinho humano operário, podemos vislumbrar estas novas camadas da cultura contemporânea portuguesa que aí emergiram e deram nova densidade e espessura ao espaço não só nas paredes que separam os diversos hangares da Fundação, mas principalmente no ar delimitado por elas, filtrado pela iluminação zenital que caracteriza a maioria dos hangares.

Foi nesta tentativa de captação das atmosferas (pre)existentes que os espacialistas se atreveram a ultrapassar a porta do pesado portão de ferro fundido que dá acesso ao último conjunto de hangares onde se encontra o Hangar K7: o último e aquele que se encontra no enfimamento de um amplo corredor-rua central que lhes dá acesso. O K7 é o último dos hangares e o mais estrebuchante, por certo por ainda se sentirem vestígios dessas passagens / paisagens humanas da cultura e ser ainda abrigo de vestígios culturais recentes.

Os espacialistas aventuraram-se corredor central adentro, com o corpo perscrutador que os caracteriza na tentativa imediata de fazer a leitura / análise contextual do espaço monumental que se abria à sua frente e na tentativa de perceberem as transformações silenciosas

sensoriais que ocorriam no interior do corpo de cada um.

Não sabiam onde parar. Pousar aquilo / os objectos que traziam consigo. Atravessaram praticamente em silêncio, com enorme solenidade e respeito pelo espaço, todo o amplo corredor central simultaneamente escuro e iluminado, enquanto olhavam para todo o lado e se desviavam pontualmente para os lados para espreitar através de frinchas dos gigantes portões de zinco, os amplos hangares que lateralizam esse corredor e estão para lá desses portões. Quando chegaram ao fundo, passaram a porta do portão de zinco, riscado de amarelo e preto e entraram no portão onde estava escrito a letras vermelhas “HANGAR K7”. Atravessaram-no em diagonal e dirigiram-se ao primeiro e último canto da Fundação. Pousaram aí as coisas que traziam e começaram a trabalhar. Tinham de fazer aparecer as formas sem aparência que tinham pressentido ao longo de todo o percurso que haviam acabado de realizar, caracterizado por enquadramentos/ ecrãs sucessivos, com limites pintados de amarelo, que atravessaram como se atravessa novos estádios de imagem e tempo.

Movimentaram-se cada um para seu lado, numa tentativa de reconhecimento do espaço, de cada um fazer as suas pequenas descobertas e poder depois reuni-las com as dos outros. Os espaços eram amplos. Ficaram quietos e em silêncio. Correram em direcção ao vazio, jogaram-se contra as paredes, esquinas e cantos. Saltaram para sentir o próprio peso e averiguar a solidez do chão ao entrarem em contacto com ele. Saltaram para chegar à luz alta e natural que vinha dos tectos em zigue-zague industrial, na esperança imaginária de olhar para fora.

Esboçaram e praticaram algumas tentativas de exercícios de aquecimento físico e essencial de espaço. Cheiraram o ar. Perceberam.

Era o ar, a densidade do ar aquilo que os impedia de movimentarem-se livremente, de verem lucidamente os espaços que os rodeavam. O ar tinha espessura e era um limite visual e sensorial que lhes impedia o corpo de realizar o movimento de dupla realidade física e conceptual, que era o acto de projectar, razão pela qual estavam ali.

Projectar e fazer aparecer as formas de espaço sem aparência que caracterizavam todo o espaço que os envolvia, tornava-se impossível se não procedessem à operação de aparecimento visível e consciente do principal e único material que o estava a construir antes de ali terem entrado: o Ar.

Havia que fazer aparecer e atravessar o ar, que caracterizava todos os espaços. Principalmente medi-lo do ponto de vista do peso. Havia



que pesar o ar. Fazer aparecer os espaços que construía.

Fizeram-no com uma enorme e fina folha plástica que por sorte tinham trazido para proteger o espaço onde iam intervir. Desembrulharam-na, esticaram-na, enrolaram-na e agarraram-na ao corpo e a partir dele desenvolveram estratégias de manipulação em função das inúmeras e invisíveis correntes de ar, que de repente fizeram sentir-se por todo o lado com o desembrulhar da enorme e leve folha plástica, que rapidamente se tornou numa bolha gigante capaz de flutuar e conter o corpo de quem a manipulava ou de quem se introduzia no seu interior.

Atravessaram o hangar K7, percorreram o amplo corredor da Fundação, passearam-na pela lavandaria, viram-na relectir-se à semelhança de uma nuvem na água que inundava o chão. Permaneceram nela. Habitaram-na e descansaram no seu interior, no primeiro e último canto da Fundação onde nasceu e no amplo corredor central de ligação aos outros hangares.

Inúmeras formas sem aparência deste magnífico espaço fabril, convergiram para este novo espaço de ar, visível, leve e habitado pelo corpo dos espacialistas, que se movimentavam em função dos novos espaços de ar que pretendiam fazer aparecer / projectar.

No final do dia os espacialistas com a sensação de missão cumprida sabiam que a Fundação nunca mais lhes saíria do corpo. Tinham através dele medido o peso do ar. Tinham através dele intensificado e agravado a espessura dos espaços e das paredes delimitadoras da Fundação. Tinham-lhe acrescentado um novo estado essencial (arquitectónico, artístico e cultural) com a sua passagem.

Saíram dali repletos de um cansaço feliz; conscientes de que o fim deste espaço, desta sua fase de vida, está próximo; esperançados no entanto que estes seus pequenos gestos de ocupação, composição, manipulação, alteração, (re)criação e (re)produção não sejam os últimos suspiros deste grandioso espaço.

Olhavam / analisavam as imagens produzidas, com algum orgulho do dia passado e dos exercícios de espaço realizados, quando surge a ideia, de transformar a Fundação de Oeiras num mega CENTRO COMERCIAL DA CULTURA. Com espaços de comércio de bens essenciais da cultura: livros, CDs, DVDs e obras de arte; com galerias / oficinas de exposição e produção de arte, de arquitectura, de música, de dança, de design, de publicidade e de moda; com salas de cinema, de teatro e de concertos; com espaços lúdicos de jogos e de realidade virtual; com escolas e espaços de (in)formação prática, tecnológica e artística da cultura; com espaços de prática desportiva cultural; com espaços de venda de produtos alimentares e de vestuário de diversas culturas; com floristas, alfarrabistas e antiquários, com espaços de lazer: cafetarias, restaurantes e espaços de alimentação temáticos e jardins. Um espaço multicultural, com uma estratégia / vocação de sobrevivência física e comercial tão intensa quanto a estratégia / vocação de sobrevivência ideal de desenvolvimento das necessidades imaginárias e culturais do homem que um espaço desta natureza poderia promover e ajudar a desenvolver.

Qual é afinal o peso do ar (atmosférico) inodoro, incolor e transparente? Em certas condições padronizadas a densidade do ar à superfície é de 1,293 grama por litro, em profundidade depende dos níveis culturais e de memória que cada um for capaz de pressentir, essencializar e (des)poletar nele, à maneira dos espacialistas.

